

Cristina Nogueira da Silva, Amartya Sen e as Identidades

18.06.2015

“A alternativa ao domínio de uma única categorização não consiste em reivindicar, de forma pouco realista, que somos todos muito parecidos. Não o somos. Pelo contrário, a principal esperança de harmonia no nosso mundo conturbado reside na pluralidade das nossas identidades, que se entrecruzam e que contrariam as classificações rígidas em torno de uma única linha de divisão a que, alegadamente, não se pode resistir” (Amartya Sen, *Identidade e Violência. A Ilusão do destino*, Lisboa, Tinta da China, 2007).

Neste livro que escreveu há já alguns anos (*Identity and Violence. The illusion of Destiny*, 2006), Amartya Sen demonstrou que, ao contrário do que se pode pensar habitualmente, a democracia (como também a tolerância, ou a igualdade de pensamento) não é uma ideia da “civilização ocidental”. Num texto onde os exemplos de valorização, pelas civilizações antigas da Índia, da China, do Japão ou da África, de ideias muitas vezes tidas por essencialmente ocidentais, o que o Sen quer explicar é que a própria ideia de “civilização ocidental”, “civilização muçulmana” ou “civilização hindu”, para dar alguns exemplos, é redutora, “porque ignora tanto as diversidades no interior de cada civilização identificada, quanto as intensas inter-relações entre civilizações distintas” (p. 80). Por outro lado, explica ainda, é uma ideia que pode ser perigosa, quando conjugada com o que designa “a ilusão da identidade única e inevitável”, na qual as identidades se definem exclusivamente pela “civilização” ou pela religião. Contra isso, chama a atenção para a pluralidade das identidades humanas, porque considera que só com base nelas se pode formar uma sociedade civil global; e também para a importância da História global, de uma história que contorne as fronteiras nacionais ou “civilizacionais” e dê conta das interações entre culturas.

As identidades são, como já os cientistas sociais têm mostrado há muito tempo, plurais e dinâmicas. Não apenas nos identificamos de formas variadas, como estamos sempre a fazer escolhas, a dar prioridade a uma ou outra identificação (vínculo ou “lealdade”) em função das situações que estamos a viver. Quando, por exemplo, observamos o comportamento dos pais que veem os filhos morrer durante as travessias arriscadas no Mediterrâneo para chegar à Europa e nos identificamos com o seu sofrimento estamos a dar prioridade à nossa identidade enquanto “pais” (e não à nossa “identidade europeia” ou à “identidade africana” ou “oriental” dos imigrantes, ou às suas pertenças religiosas e “civilizacionais”). Quando nos preocupamos com a redução dos direitos e rendimentos dos trabalhadores priorizamos o facto de sermos trabalhadores. Enquanto pais, ou trabalhadores (ou partidários de determinadas ideias, ou homens, ou mulheres, ou seres humanos) conseguimos facilmente identificar-nos com um/a muçulmano/a, ou com um/a hindu. Mas teremos mais dificuldade em identificar-nos com as mesmas pessoas se elas nos forem apresentadas como membros da “civilização muçulmana”, ou da “civilização hindu”; e ainda menos se concedermos de forma sistemática e “automática”

prioridade à nossa identidade “ocidental” ou “cristã”. Estas, ao contrário das nossas anteriores afiliações, separam-nos daquelas e de outras pessoas. Podem mesmo, no limite, fazer-nos esquecer que partilhamos com elas o facto de sermos humanos. Por isso Amartya Sen pensa que insistir na prioridade destas identidades civilizacionais ou religiosas, vê-las como “únicas e inevitáveis”, “torna o mundo muito mais inflamável” (“(...)numa versão apropriadamente violenta” essa visão das identidades pode “neutralizar toda a simpatia humana ou bondade natural que habitualmente nos possam caracterizar. Os resultados variam entre a violência doméstica primária ou violência e o terrorismo globais.” (p. 1).

Estas conclusões, a que chegou um Prémio Nobel da Economia, continuam tão actuautes e ameaçadoras hoje como quando foram escritas. No contexto da actual hierarquia das disciplinas, o facto de o terem sido por um economista reforça a sua verdade. Por isso achei oportuno recordar aqui estas reflexões de Amartya Sen.

*Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas e por não seguir o Acordo Ortográfico.*